



***Desafortunados:***

***um estudo sobre o povo da rua***

David A. Snow y Leon Anderson,  
Rio de Janeiro, Vozes, 1998.

(Título original: *Down on their Luck*).

Desafortunados é um estudo histórico social e etnográfico de moradores de rua nos Estados Unidos. O trabalho de Snow e Anderson é resultado de uma vasta e minuciosa pesquisa sobre os desabrigados na década 1980, época em que o contingente de norte-americanos que se encontravam sem teto cresceu de forma assustadora. Os autores têm a preocupação de analisar a sub-cultura da vida de rua entre as pessoas adultas livres, sobretudo do sexo masculino, que viveram ou passaram pelas cidades de Texas, como Austin, entre o outono de 1984 e o verão de 1986. A obra não se debruça em dados estatísticos, mas em relatos de vida e em pesquisa de observação, o que transforma o trabalho riquíssimo para a compreensão do cotidiano dos moradores de rua. Esse estudo oferece uma compreensão das estratégias e lutas dos desabrigados sob diversos olhares, e em especial sobre as estratégias de sobrevivência e o mundo social e psicológico dos desafortunados.

A obra está organizada em três tópicos, e cada tópico está dividido em grandes capítulos. A introdução é subdividida em dois capítulos, que abordam aspectos mais amplos dos moradores de rua, bem como uma tipologia desses moradores.

Com o interesse de apresentar à condição de vida dos moradores de rua num contexto mais amplo, os autores fazem relatos

de momentos vivenciados pelos moradores de rua, em que os pesquisadores puderam estar presentes. Os autores resgatam através da pesquisa de observação acontecimentos vivenciados no mundo da vida dos desabrigados. Como os autores afirmam, a triangulação na pesquisa foi usada não apenas no uso de métodos múltiplos, mas também quanto aos dados, pesquisadores e as teorias.

Os autores consideram que o desabrigo é tipificado como um estilo de vida caracterizado sobretudo pela ausência de moradia convencional permanente. Os desabrigados dormem em lugares públicos ou privados, e eles normalmente não contam com o apoio familiar. Esses andarilhos não participam do aconchego da família. Ao tratar desses aspectos os autores mencionam a literatura norte-americana que literariamente trata da imagem do lar, como John Howard Payne, que escreveu em 1823 que é doce sentar sob o sorriso afetuoso do pai e o carinho de uma mãe a acalmar e distrair. A falta de apoio familiar aos moradores de rua se dá em estágios diferentes. As vítimas de desastres naturais, por exemplo, mantêm ligações familiares intactas, mas os moradores de rua procedentes de famílias mais vulneráveis não contam com o apoio das famílias, porque essas famílias não têm possibilidades de oferecer qualquer ajuda em épocas de crises.

Ao tratar da questão do desabrigo no mundo, constata-se que a visão sobre os desabrigados viveu momentos diferenciados. Na Idade Média havia uma tendência de se idealizar a pobreza, e São Francisco ensinava

que os mendigos eram santos, e que os santos deveriam viver como mendigos. Mas, no século das luzes, a percepção da pobreza adquiriu outros valores. O pecado da preguiça, que antes era tido como um hábito espiritual, foi redefinido como um vício de vadiagem. Os vadios passaram a ser tratados como malfeitores.

No século XIX, a expansão da economia norte-americana absorveu grande força de trabalho, o que permitiu que os pobres desempenhassem papel de destaque no motor da economia.

A era dos andarilhos morreu na metade do decênio de 1930, em decorrência da modernização da agricultura, estabilização da fronteira ocidental e o fortalecimento da economia norte-americana, que podia sustentar grande quantidade de desempregados. Além do mais, as ferrovias passaram a ser substituídas por automóveis, tornando-se difícil o uso de pegar carona nos trens.

Com o advento da Grande Depressão de 1934, o número de moradores de rua cresceu assustadoramente, e a situação deles mudou drasticamente. No pós-guerra, a população da zona marginal diminuiu, e os bairros de zonas marginais não mais atraíram uma força de trabalho jovem e móvel. A oferta de comida e pensões baratas e as missões atraíram um contingente de pessoas mais velhas, e algumas delas possuíam poucas pensões ou renda da Seguridade Social, mas a maioria sobrevivia com uma renda insuficiente de trabalho não-qualificado intermitente. Essa população desamparada necessita complementar sua renda pela venda de sangue à bancos de sangue comerciais.

Na década de 60, as populações das zonas marginais dos Estados Unidos tinham declinado mais ainda, o que levou alguns observadores a prever o desaparecimento dos moradores de rua da zona marginal no país. A verdade é que, na década de 1980, os moradores de rua alcançaram grande aumento, e agora eram pessoas mais jovens, e o número de mulheres e de famílias que se encontravam nessa situação também era alarmante.

Diversas circunstâncias empurram os pobres a viverem como moradores de rua. Eles têm que atender às suas necessidades e necessitam também de um senso de significado e amor-próprio; contudo eles devem atender essas necessidades sem contar com recursos certos, uma vez que a vida nas ruas significa também uma vida de incertezas.

A evidência do desabrigo social nos Estados Unidos na década de 1980 levou as instituições públicas e privadas a alertarem para a questão, o que permitiu a criação de programas de apoio aos moradores de rua. Além desses programas, o incentivo de alguns ativistas também permitiu o surgimento de movimentos de defesa dos moradores de rua, ocorrendo inclusive diversos protestos com a participação dos moradores de rua.

Ao relatar as várias estratégias de sobrevivência dos moradores de rua, os autores reconstróem o ambiente histórico vivido pelos moradores de rua em nos abrigos existentes nas cidades de Austin em Texas. A reconstrução do ambiente existente nesses abrigos, como por exemplo no abrigo do Exército da Salvação em Austin (capítulo 3), é realizado de forma tão real, que o leitor

tem a impressão que também está observando a cena descrita.

Muitos moradores de rua necessitaram de assistência hospitalar, mas ao receberem a assistência médica foram mandados novamente para rua. Alguns moradores de rua foram internados em sistema hospitalar psiquiátrico, e muitos deles contavam com várias internações.

A Igreja Central da Assembléia de Deus também está envolvida com a problemática dos moradores de rua. Seu objetivo principal é levá-los a um estilo de vida mais responsável através da conversão deles no caminho do Senhor. Alguns desabrigados freqüentam os cultos porque nessas ocasiões têm oportunidade de tomarem banho e de receberem uma boa alimentação; outros consideram que o culto evangélico oferece elevação espiritual, sendo uma razão para freqüentá-lo.

A obra *Desafortunados* constrói a história de vida de moradores de rua sob o olhar de relatos de pessoas que viviam desabrigadas nessa época. A pesquisa de observação somada com outros métodos de pesquisa, e o uso de uma literatura exaustiva sobre a

temática, permitem Snow e Anderson construir a história dos moradores de rua sem perder de vista a realidade social dos desabrigados.

A obra é escrita de forma clara, e a reconstrução histórica-social do objeto de estudo é montada sob a ótica de quem deseja reconstruir a realidade observada, o que leva os autores mencionarem com freqüência relatos de vida de moradores de rua, o que enriquece o trabalho tanto sob o aspecto da pesquisa como também quanto a realidade vivenciada pelos moradores de rua. O relato dos moradores de rua permite que esse estudo valorize a história de personagens singulares, e a história singular deles permite a construção da realidade social que envolve a problemática dos moradores de rua.

Esta obra é da maior importância para a compreensão da pobreza no mundo urbano atual, e ela oferece várias perspectivas que podem ser debatidas pelas autoridades governamentais na realização de políticas públicas quanto ao enfrentamento da pobreza no mundo da globalização.

Maria da Guia Santos-Gareis



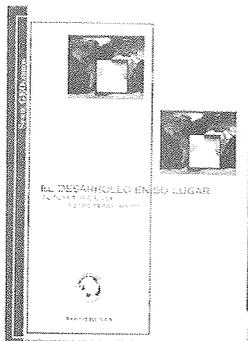
*El Desarrollo en su Lugar. (El territorio en la sociedad del conocimiento).*

Boisier, Sergio.

Universidad Católica de Chile, Santiago, 2003. 157 p.p.

Sergio Boisier es uno de los autores más leídos por los especialistas en temas regionales en Colombia y en América Latina. Aunque en el caso colombiano no contamos con datos sobre citación que puedan demostrar esta afirmación, es muy frecuente encontrar citas de Boisier en los libros y artículos que se escriben en el país sobre desarrollo regional, ordenamiento territorial y regionalización. Y esto, tanto por parte de profesores e investigadores que trabajan en el campo de los estudios regionales y urbanos como por funcionarios públicos y consultores que participan en la formulación de políticas públicas para el desarrollo territorial.

La influencia de Boisier sobre el pensamiento regional en Colombia se puede constatar también en el interés del público especializado por las conferencias y cursos que con alguna frecuencia dicta en centros académicos de diversas regiones del país desde hace, por lo menos, un par de décadas. De hecho, dos de los seis estudios recopilados en el libro que reseñamos están directamente relacionadas con participaciones del autor en eventos académicos realizados en universi-



dades colombianas. Aunque no se podría decir que existe entre nosotros una verdadera escuela de estudios territoriales alrededor de las ideas de Boisier, el número de profesionales que lo toman como referencia obligada si es muy significativo.

Por estas razones, la publicación del último libro de Sergio Boisier bien puede ser una interesante noticia para los investigadores urbano - regionales en Colombia y para todos aquellos no especialistas que se interesan en estos temas. Tanto más cuanto se trata de un libro con el que celebra cuarenta años de vida profesional como estudioso del desarrollo territorial, en el curso de los cuales ha llegado a ser uno de los más prolíficos autores latinoamericanos en este campo, con alrededor de 150 artículos y libros publicados desde 1965 hasta la fecha. Además, porque nos encontramos frente a un libro en el que Boisier recopila sus “reflexiones de última generación” o “escritos de última hora”, en una etapa de su vida en la que considera adecuado hacer un alto en el camino para señalar “algunas conclusiones” de su trabajo y para presentar sus “especulaciones más abstractas y heterodoxas”.

Sin embargo, para quienes procuramos mantenernos actualizados en la producción intelectual de América Latina sobre temas regionales y urbanos, esta publicación no resulta novedosa puesto que sobre algunos de los artículos ya teníamos noticias a través de diferentes medios. Por ejemplo, el artículo *¿Y si el desarrollo fuese un emergencia sistémica?*, que el autor considera como “una reflexión preferida” y con la que cierra su compilación, fue publicado en el libro

*"Ciudad y Complejidad"* editado por Fabio Giraldo en Bogotá en el 2003. Es más, las ideas centrales que Boisier quiere destacar en este libro las conocemos los lectores de *Territorios* por el artículo del mismo autor, *"Una (re)visión heterodoxa del desarrollo (territorial)"*, que se incluyó precisamente en el último número de esta revista.

De todas maneras, varias de las tesis planteadas por Boisier en esta recopilación de artículos recientes son de innegable actualidad para la política de desarrollo territorial en Colombia y los demás países de América Latina y de indiscutible interés teórico para quienes actuamos en el ámbito académico y científico. Es por ello que bien vale la pena hacer una breve referencia a algunas de ellas. "El desarrollo debe recuperar su naturaleza territorial" es la primera tesis de Sergio Boisier que nos interesa comentar. Esta es la idea que quiere destacar en el propio título *"El desarrollo en su lugar"*. Ella se desarrolla parcialmente en el primer capítulo donde el autor hace la *"Crónica de una muerte frustrada. El Territorio en la globalización"*. En este texto demuestra "la importancia creciente del territorio en la globalización", en contra de la tesis opuesta que hizo carrera hace algunos años. Igualmente, se pueden encontrar algunas ideas básicas sobre el tema en el segundo capítulo donde se pregunta por el *"Desarrollo (local): ¿de qué estamos hablando?"*. El propio Boisier considera este capítulo como "una colección de definiciones" que ha tenido una amplia difusión. Otro importante tema que aborda Sergio Boisier es la relación conocimiento - territorio. De esto se ocupa en el tercer capítulo

titulado *"Sociedad del conocimiento, conocimiento social y gestión territorial"* que ya había circulado en Colombia y algunos habíamos leído con mucho interés. Partiendo de reconocer la importancia que ha adquirido el conocimiento en el actual proceso de globalización como un nuevo y fundamental factor de la producción, de la competitividad y del desarrollo, Boisier retoma de otros autores y propone toda una serie de nuevos conceptos tales como "regiones inteligentes", "regiones que aprenden", "regiones virtuales", "conocimiento codificado", "conocimiento tácito" "conocimiento pertinente", "conocimiento estructural", "conocimiento funcional" y algunos más. Al final recomienda poner "el conocimiento al servicio de la acción" y nos advierte sobre el riesgo de caer en una nueva era de "iluminismo racionalista". Sin embargo, parafraseando al mismo autor, cuando en el segundo capítulo realiza la discusión sobre el concepto de desarrollo, a los lectores nos queda la pregunta de si los adjetivos que le da a los términos de región y conocimiento no son "demasiados y redundantes".

En el cuarto capítulo Boisier nos presenta una reflexión sobre el desarrollo territorial y la descentralización en América Latina. Al respecto comienza por señalar que el centralismo latinoamericano es un fenómeno dependiente de la trayectoria histórica de estos países por lo que, consecuentemente, se ha convertido en una cuestión cultural de difícil remoción. Por su parte, la "megatendencia descentralizadora" es empujada por cuatro fuerzas primarias: la re-

volución científica y tecnológica, la reforma del Estado, una creciente demanda autonómica de la sociedad civil y las tendencias privatizadoras vigentes; a estas fuerzas se suma la propia lógica de la globalización que obliga a una apertura política interna. Además de la deseada autonomía, la descentralización implica para los territorios subnacionales mayores funciones y responsabilidades en la promoción del desarrollo y el bienestar de la población que, sin embargo, no están acompañadas de mayores recursos. En opinión del autor, para responder a esta situación es necesario “realmente crear un marco cognitivo nuevo”, algunos de cuyos elementos desarrolla en el resto del capítulo tratando de formular las bases de una “ingeniería de las intervenciones territoriales”, pero evitando “caer en un academismo estéril”.

El quinto capítulo se ocupa del tema “*Globalización, geografía política y fronteras*”. Para esto retoma la discusión de su primer artículo sobre “revalorización multidimensional del territorio” y la geografía en la globalización. Al contrario de las voces que anunciaban su muerte, el territorio es considerado ahora como un actor indirecto y directo de la competitividad y se constata un renovado interés por la geografía. En este contexto emerge de la globalización una nueva geografía política caracterizada por la “conformación simultánea de un espacio único y múltiples territorios” y al mismo tiempo surgen “nuevas modalidades de configuración territorial” y “nuevas maneras de hacer región”. Entre las “nuevas regiones que están emergiendo”,

Boisier identifica las “regiones pivotaes”, las “regiones asociativas” y las “regiones virtuales” cada una de las cuales define brevemente. Un claro ejemplo de las regiones asociativas son las “regiones fronterizas multinacionales”, las cuales transforman las tradicionales fronteras de los Estados nacionales que están pasando de ser líneas de separación a espacios de integración entre países vecinos. Los problemas de este tipo planteados por las nuevas regiones exigen “un cambio radical de enfoque en materia de desarrollo”.

Este es el tema del que se ocupa el autor en el último capítulo de su libro al formular la pregunta “¿Y si el desarrollo fuese una emergencia sistémica?”. En realidad, la cuestión del nuevo paradigma del desarrollo que propone el autor se reitera en los diferentes artículos compilados en este libro pero es en el final en donde lo presenta de manera más sistemática. Para ello comienza por recordar la “saludable evolución del concepto de desarrollo” desde la década de los años cuarenta hasta comienzos de este nuevo siglo; evolución en la que esta categoría ha pasado de la elemental identificación con el crecimiento económico hasta la más reciente que la asimila a la idea de felicidad colectiva. No obstante esta positiva evolución, en opinión del autor, el concepto de desarrollo continúa estando atado al tradicional paradigma científico que se asocia con personajes como Descartes, Newton, Bacon, Comte y otros grandes pensadores modernos, pero que desde la segunda mitad del siglo pasado se ha comenzado a señalar como positivista, racionalista, lineal, analítico, segmentado,

disyuntivo, objetivista, reduccionista, etc. Para superar este viejo paradigma, Boisier propone acudir a los nuevos enfoques y conceptos planteados por autores como Morin, Prigogine, Gell-Mann, Maturana, Varela, Luhmann, Berman entre otros. A partir de las tesis de estos pensadores contemporáneos propone repensar el desarrollo territorial en términos holísticos, complejos, probabilísticos, no lineales, constructivistas, dialógicos, hologramáticos, subjetivos, intuitivos, neguentrópicos, de incertidumbre y demás conceptos relacionados.

Para Boisier, sólo con estas nuevas categorías será posible “formular marcos cognitivos y teóricos capaces de explicar la estructura y la dinámica de los procesos sobre los cuales se demanda una intervención social”. Consecuentemente, con base en ellas plantea la hipótesis según la cual “el desarrollo no es sino una propiedad emergente de un sistema territorial dinámico, complejo, adaptativo y altamente sinergizado”. Tal afirmación le exige recurrir a conceptos tales como propiedad emergente, sistema abierto y adaptativo, entorno, complejidad, autoorganización, caos, entropía, autopoiesis, sinergia, sinapsis, bu-

cle, atractor y varios otros igualmente abstractos y difíciles de comprender.

Como el propio Boisier lo reconoce explícitamente al final de su libro, “la propuesta presentada acá no es fácil de llevar a la práctica”. Esto tal vez se debe a la radical novedad del nuevo paradigma que se propone, el cual es apenas el comienzo de un largo camino que aún debemos recorrer colectivamente quienes trabajamos en el campo de los estudios regionales y urbanos. En consecuencia, buena parte de este trabajo consistirá en desarrollar con mayor rigor las implicaciones que dichos conceptos que tienen para el conocimiento de los “territorios organizados” y las intervenciones que realizamos para promover su desarrollo. Pero donde seguramente encontraremos el mayor reto es en el campo de su aplicación a nuestras realidades regionales. De aquí que una última idea de este autor con la que nos quedamos es la que expresa con toda fuerza al terminar el cuarto capítulo: “¡Hay que bajar a tierra la todavía etérea discusión sobre desarrollo!” territorial.

Orlando Sáenz

